

FSL0537

Desenvolvimento Econômico e Mudança Social
“A Divisão Social do Trabalho no Século XXI”.

Docente responsável: Prof. Dr. Alvaro A. Comin (548616) <alvcomin@usp.br>

Graduação em Ciências Sociais – USP, Semestre I, 2018

5. *Divisão Internacional do Trabalho e cadeias globais de valor* (12 e 13 de abril)

- Gary Gereffi & Miguel Korzeniewicz (1994) *Commodity Chains and Global Capitalism*. Praeger. [Introdução: pp. 1-14].
- Raphael Kaplinsky (2016) “Global value chains in manufacturing industry: Where they came from, where they are going and why this is important?” In: John Weiss & Michael Tribe. *Routledge Handbook of Industry and Development*. (Cap. 11: 184-202).
- David A. Smith (2012) “Trade, unequal exchange, global commodity chains World-system structure and economic development”. In: Salvatore J. Babones & Christopher K. Chase-Dunn *Routledge Handbook of World-Systems Analysis*. Routledge. [Cap. 7,2: 239-246]

Rigidezes do fordismo:

- ✓ grande volume de **capital fixo** (verticalização, estoques);
- ✓ pouca flexibilidade do **capital variável** (acordos coletivos, legislação trabalhista, sindicatos etc.)
- ✓ produtos muito padronizados (poucas variações, **inovações** muito lentas);
- ✓ saturação do mercado consumidor;

Concorrência:

- ✓ Acirramento da concorrência pela ascensão de potências industriais rivais dos EUA (**Alemanha e Japão**);
- ✓ Industrialização na (**semi-**) **periferia** (Brasil, Coreia do Sul, México, Taiwan, Singapura, Hong Kong, Turquia, África do Sul).
- ✓ Dispersão das cadeias de produção, alcançando grande número de **países da periferia** (Costa Rica, Guatemala, Bangladesh, Indonésia, Malásia, Filipinas, Índia);

Fatores conjunturais:

- ✓ A explosão da dívida Pública Americana após a Guerra do Vietnã;
- ✓ Queda nas taxas de lucro das empresas;
- ✓ Excesso de liquidez após a Crise do Petróleo (onde investir?);
- ✓ crescente abertura comercial e financeira;

Flexibilidade do quê? (Harvey)

- “A *acumulação flexível*, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional”.
- “Ela também envolve um novo movimento que chamarei de **compressão do espaço-tempo**” no mundo capitalista - os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado”. (p.140)
- “acumulação flexível parece implicar níveis relativamente altos de **desemprego** ‘estrutural’ (em oposição a ‘friccional’), rápida **destruição e reconstrução de habilidades**, ganhos modestos (quando há) de salários reais e o retrocesso do poder sindical - uma das colunas políticas do regime fordista. (p.141)

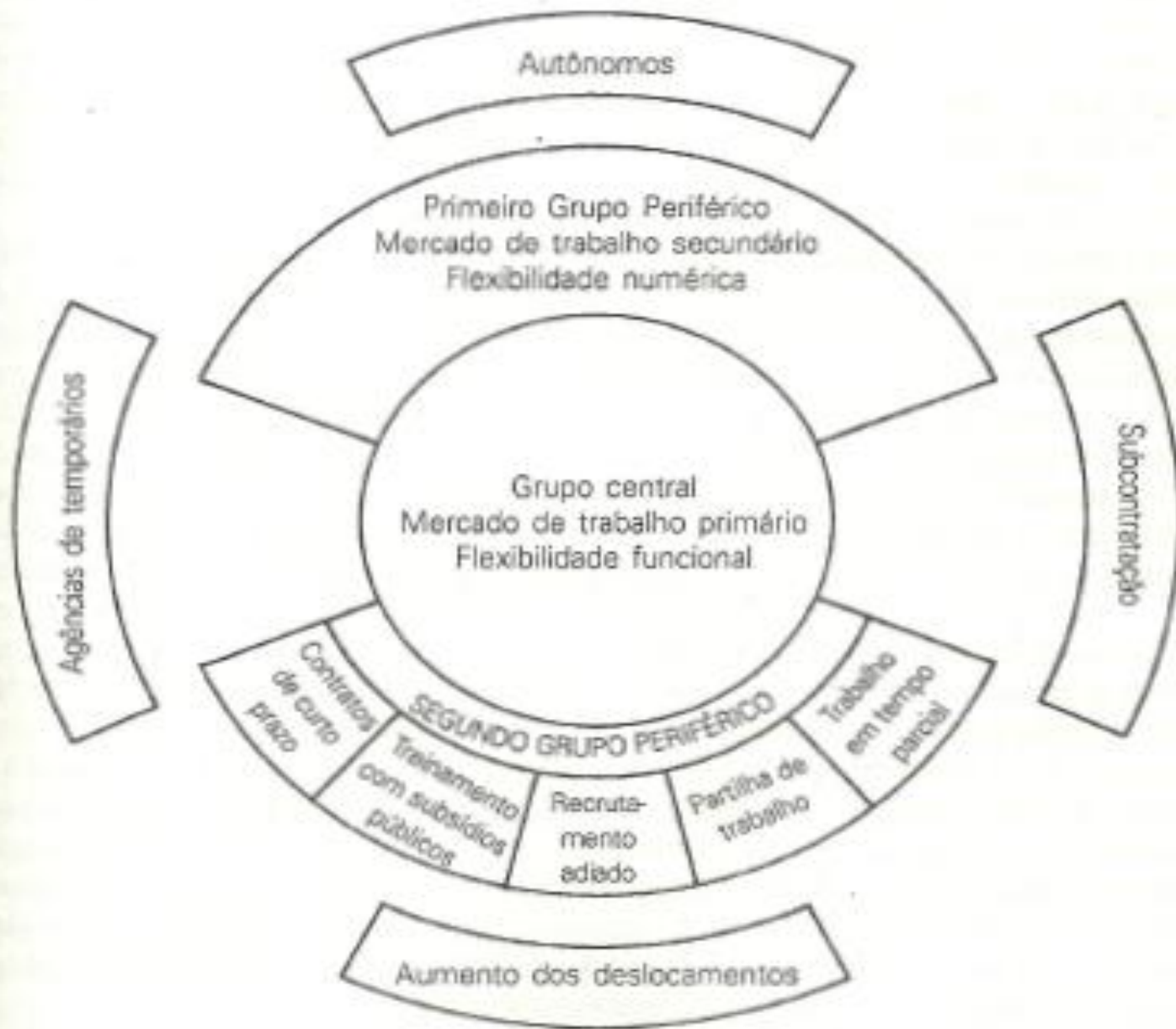


Figura 2.10 Estruturas do mercado de trabalho em condições de acumulação flexível.
(Fonte: Flexible Patterns of Work, editado por C. Carson, Institute of Personnel Management)

Periferias centrais

- “A transformação da estrutura do mercado de trabalho teve como paralelo mudanças de igual importância na organização industrial. Por exemplo, a **subcontratação** organizada abre oportunidades para a formação de pequenos negócios e, em alguns casos, permite que sistemas mais antigos de trabalho doméstico, **artesanal, familiar (patriarcal) e paternalista ("padrinhos", "patronos" e até estruturas semelhantes às da máfia)** revivam e floresçam, mas agora como peças centrais e não apêndices do sistema produtivo. O retorno de formas de produção que envolvem exploração em cidades como Nova Iorque, Los Angeles e Londres se tornou objeto de comentários na metade dos anos 70 e proliferou, em vez de diminuir, na década de 80. O rápido crescimento de **economias "negras", "informais" ou "subterrâneas"** também têm sido documentado em todo o mundo capitalista avançado, levando alguns a detectar uma crescente **convergência entre sistemas de trabalho "terceiro-mundistas" e capitalistas avançados.**”(p.145)

Subcontratação (Offshoring)

“Esse retorno segue paralelo ao aumento da capacidade do capital multinacional de levar para o exterior sistemas fordistas de produção em massa, e ali explorar **a força de trabalho feminino** extremamente vulnerável em condições de remuneração extremamente baixa e segurança do emprego negligenciável (ver Nashe Fernandez-Kelly, 1983). O programa **Maquiladora**, que permite que administradores e a propriedade do capital norte-americano permaneçam ao norte da fronteira mexicana, enquanto se instalam as fábricas, que empregam principalmente mulheres jovens, ao sul da fronteira, e um exemplo particularmente dramático de uma prática que se tornou generalizada em muitos dos países menos desenvolvidos e recém-industrializados (as Filipinas, a Coreia do Sul, o Brasil etc.).”

O mercado de trabalho para mulheres

- “Os efeitos são duplamente óbvios quando consideramos a transformação do papel das mulheres na produção e nos mercados de trabalho. Não apenas **as novas estruturas do mercado de trabalho facilitam muito a exploração da força de trabalho das mulheres** em ocupações de tempo parcial, substituindo assim trabalhadores homens centrais melhor remunerados e menos facilmente demitíveis pelo trabalho feminino mal pago, como o retorno dos sistemas de **trabalho doméstico e familiar e da subcontratação permite o ressurgimento de práticas e trabalhos de cunho patriarcal feitos em casa.**” (p.146)
- “A transição para a acumulação flexível foi marcada, na verdade, por uma revolução (de modo algum progressista) no papel das mulheres nos mercados e processos de trabalho num período em que o movimento de mulheres lutava tanto por uma maior consciência como por uma melhoria das condições de um segmento que hoje representa mais de 40 por cento da força de trabalho em muitos países capitalistas avançados.” (p.146)

Produção e consumo

Mas a aceleração do tempo de giro na produção teria sido inútil sem a redução do tempo de giro no consumo. A meia vida de um produto fordista típico, por exemplo, era de cinco a sete anos, mas a acumulação flexível diminuiu isso em mais da metade em certos setores (como o têxtil e o do vestuário), enquanto em outros - tais como as chamadas Indústrias de “*thoughtware*” (por exemplo, videogames e programas de computador) - a meia vida esta caindo para menos de dezoito meses. A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica.

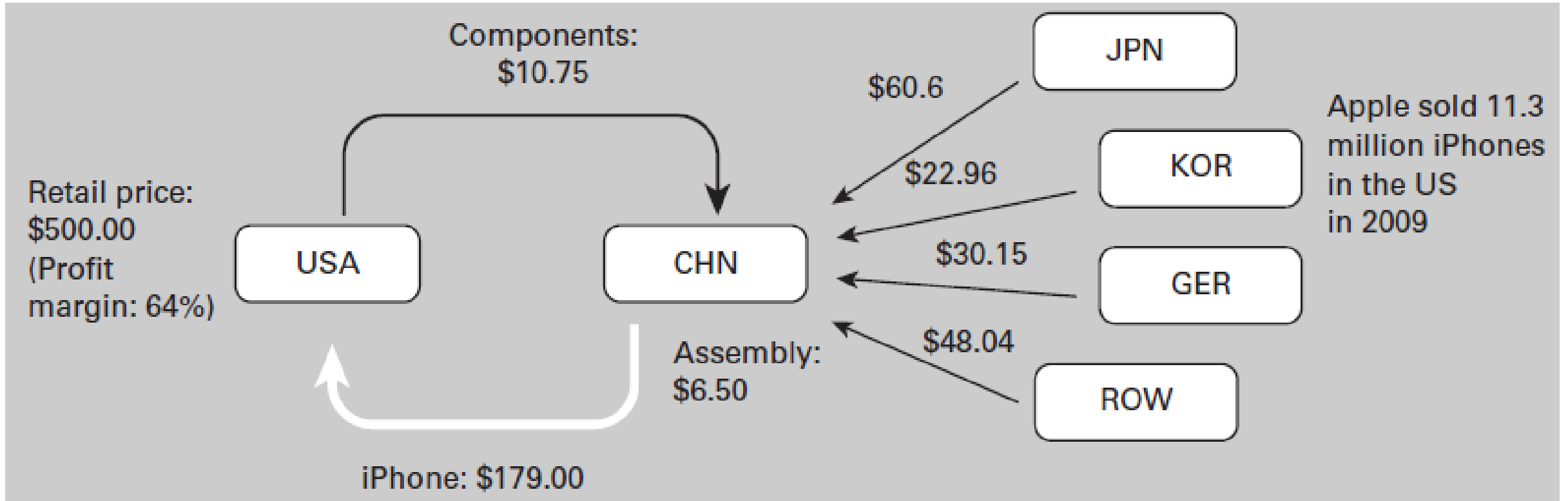
(p.147)

Cadeias Globais de Valor (Gereffi)

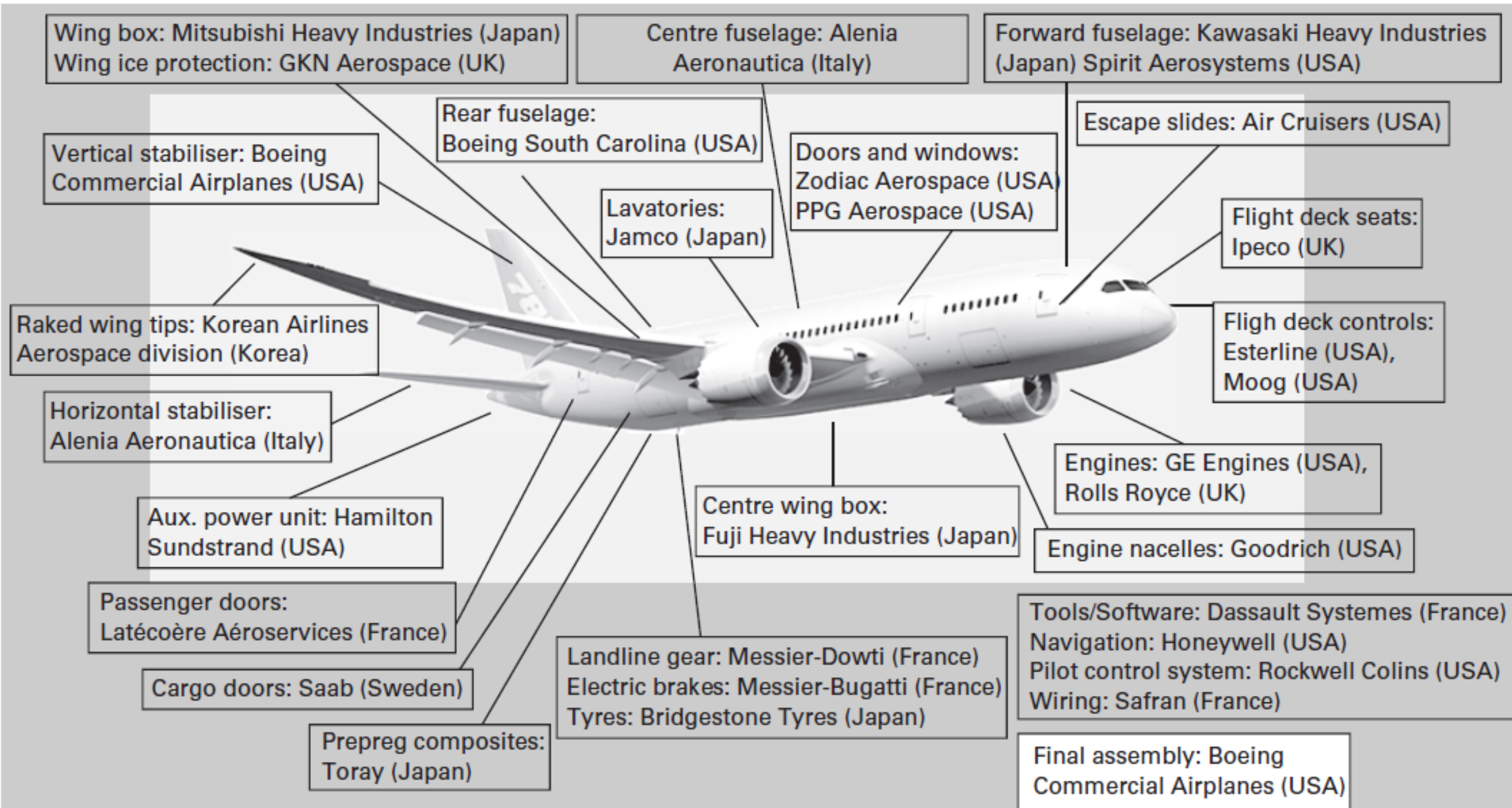
- Uma cadeia de valor é “**uma rede de trabalho e de processos de produção** que resultam em uma mercadoria acabada. Uma cadeia global de valor consiste de **uma rede interorganizacional** reunida em torno de uma mercadoria ou produto, ligando domicílios, empresas e estados uns aos outros no interior da **economia-mundo**. (Hopkins and Wallerstein, 1986: 159, apud Gereffi).
- “A análise da cadeia de produção de um produto revela **como a produção, a distribuição e o consumo são formatados por relações sociais** (incluindo organizações) que caracterizam uma sequência de aquisição de insumos, fabricação, distribuição, marketing e consumo. (Gereffi, p. 2)
- ênfase nas ideias de **processo** e de **redes de agentes**

CGV - iPhone

The Apple iPhone GVC



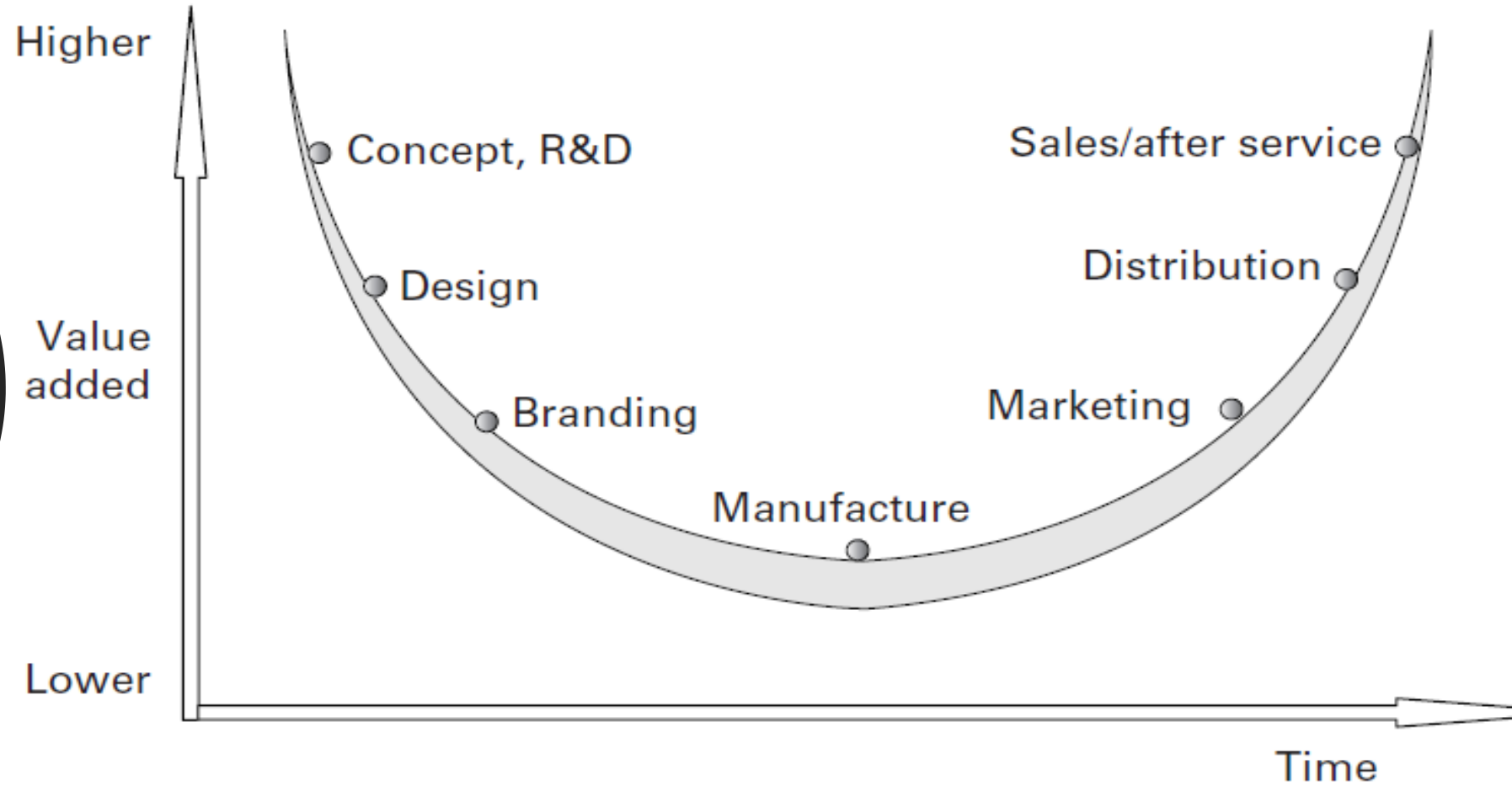
The Boeing GVC



Especialização flexível

- Concentração das firmas em **competências centrais** (*core competencies*), ou seja, nas atividades mais exclusivas, aquelas para as quais menos empresas estão capacitadas;
- **Subcontratação**: crescentemente internacionalizada graças à abertura comercial, aos ganhos de eficiência nos transportes e a revolução nos meios de comunicação e informação;
- proteção de rendas: busca de mecanismos que protejam a firma de concorrência (**inovação e patentes**); um produto exclusivo hoje pode se tornar uma *commodity* amanhã.

Global value chains in manufacturing industry



Distribuição
do valor
dentro da
GVC

Figure 11.3 Functional upgrading and the Smile Curve.

Source: Park *et al.* (2013).

Governança (*governance*)

Dois tipos governança (na tipologia original de Gereffi, 1994):

- Cadeias comandadas pelo produtor (*producer-driven chains*), bens de consumo duráveis: automóveis, aviões, eletro-eletrônicos etc.
- Cadeias comandadas pelo comprador (*buyer-driven chains*), bens de consumo não-duráveis: roupas, alimentos, sapatos etc.

Os níveis de competitividade das cadeias são determinados pelas empresas líderes;

- **Cadeias triangulares** (1999): a firma líder, usualmente localizada em país do norte, define as características do produto e contrata todo o processo de produção a um intermediário (em Hong-Kong ou Taiwan) que por sua vez subcontrata empresas em localidades mais dispersas (China, Bangladesh, Vietnã, Índia) (exemplos: Li and Fung em confecções (Hong-Kong, realiza do design à produção, distribuição etc.; possui mais de 15 mil fornecedores) e Foxconn em telefonia móvel (Taiwan, projeta e produz, incluindo subcontratação, milhares de tipos de eletrônicos e aparelhos de comunicação).

Tipologia de Cadeias Globais de Valor (Gereffi et al., 2005)

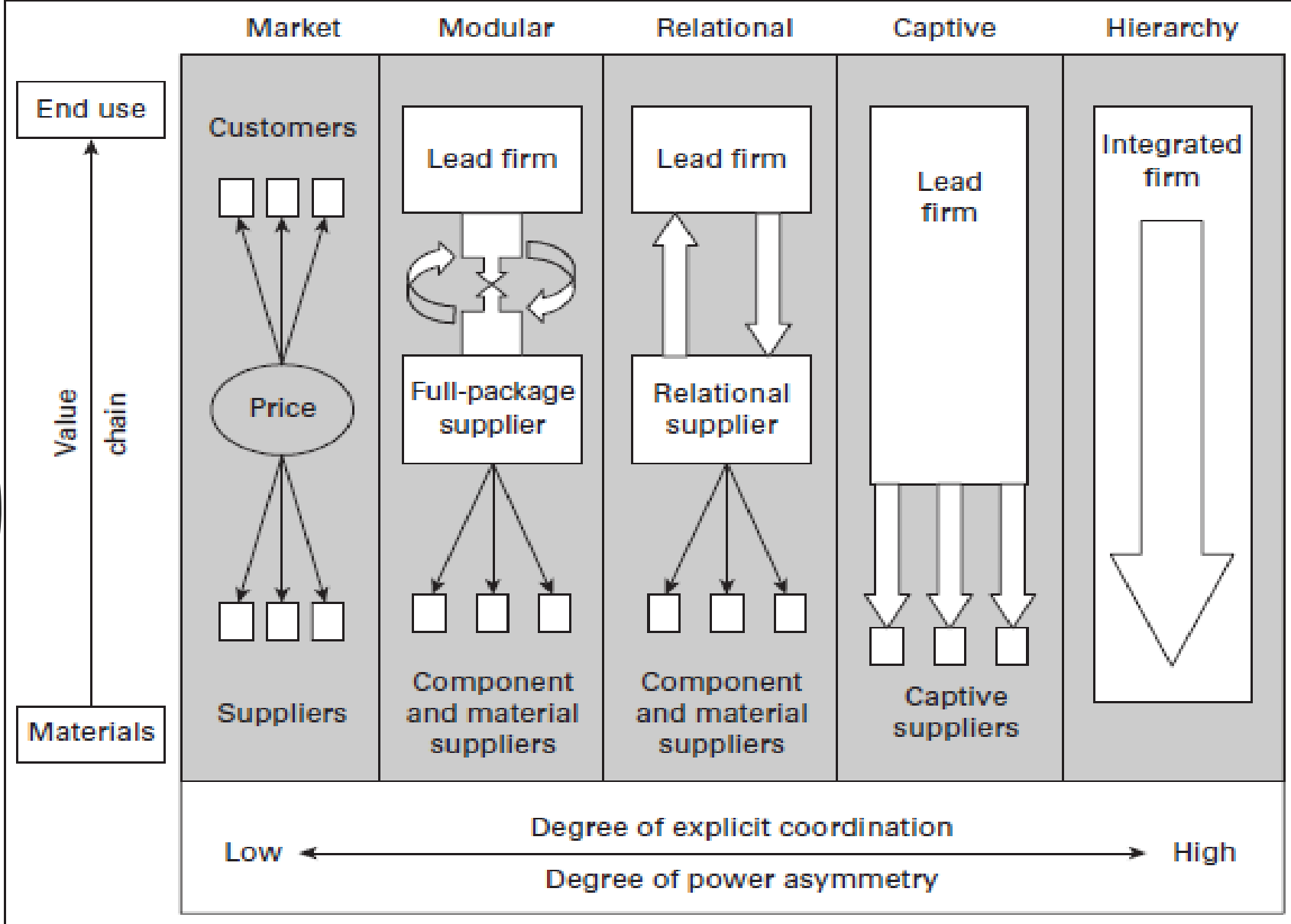


Figure 11.2 Five types of value chain governance.
 Source: Gereffi et al. (2005: 89).

Cadeia de Valor da Família Embraer

Fonte: Embraer (2005).

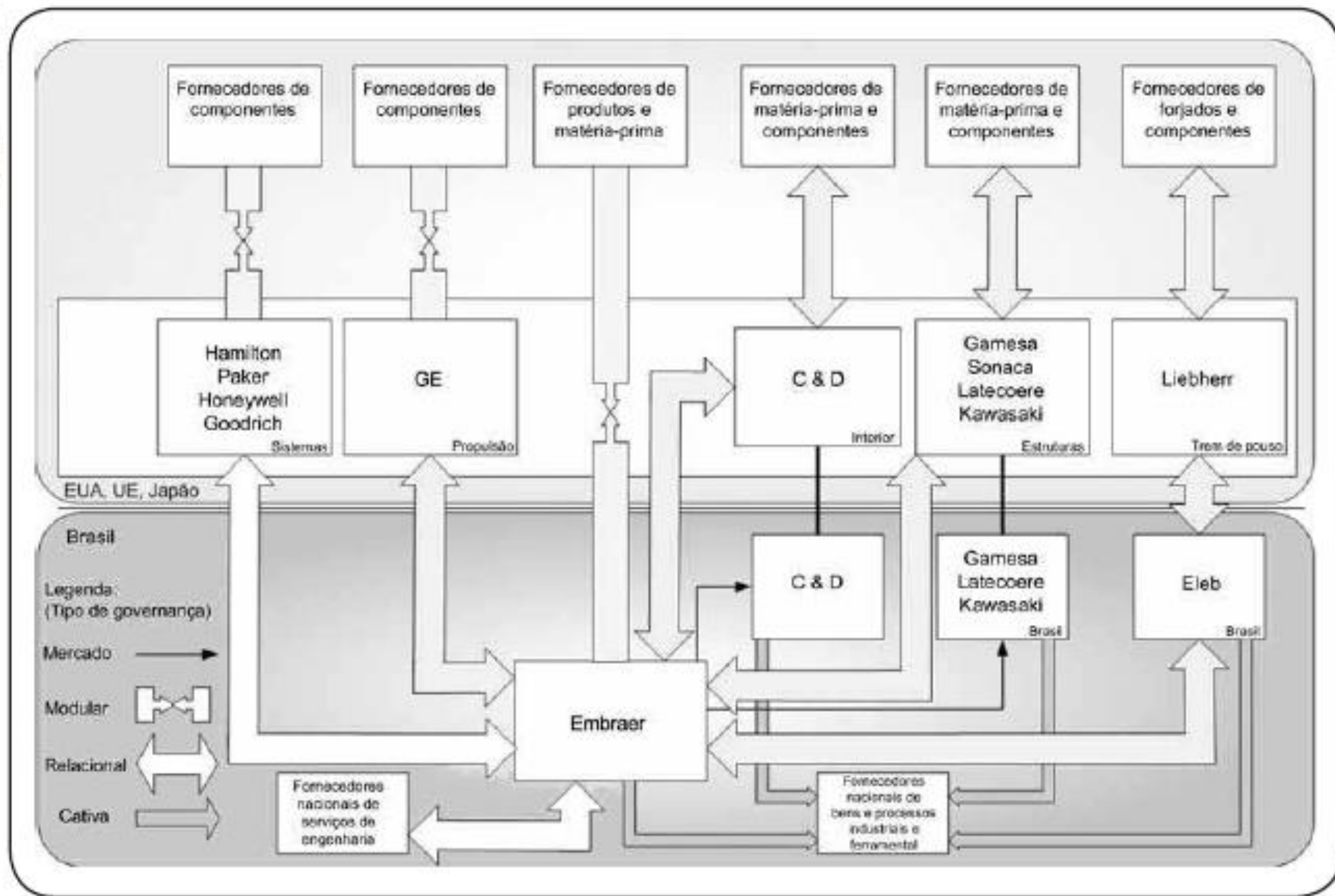


FIGURA 2.1

Cadeia de Valor da Família Embraer 170/190